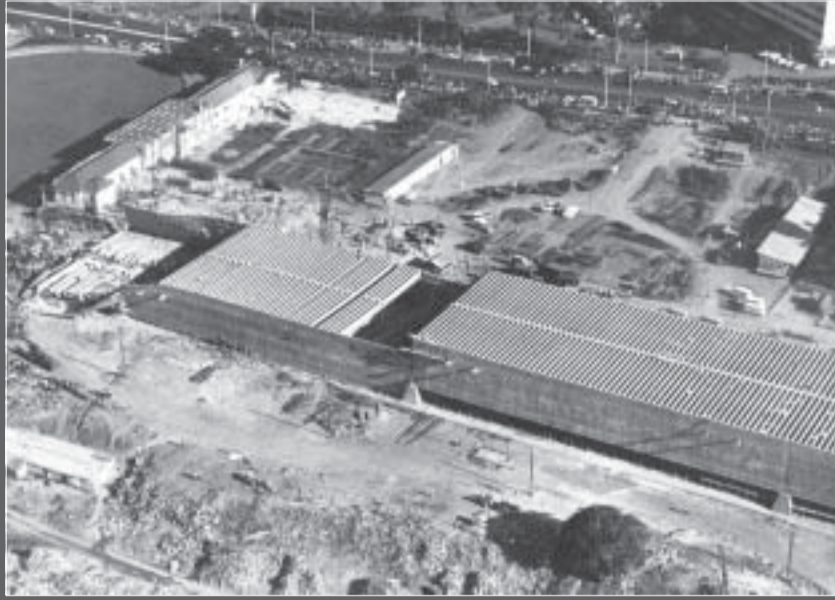


Fotos: Estado de Minas/Antoninho Perri



o concreto, falta de fiscalização e técnicas inadequadas para a retirada do escoramento da laje foram as causas do desmoronamento

o civil brasileira por meio de depoimentos de testemunhas operários em Belo Horizonte no início da década de 70

combros e resgata s' da Gameleira

sócio da empresa o demitisse, mesmo contrariando Fox.

Foi admitido numa construtora na qual seu pai havia sido armador. Era uma espécie de faz-tudo, trabalhando na construção de 14 edifícios. Teve ali uma experiência que o levaria para outros caminhos. Libério era incumbido, entre outras tarefas, de liberar o pagamento dos funcionários em finais de semana. Ao efetuar uma paga, constatou que dois novos serventes não conseguiram assinar seus nomes, virando motivo de troça dos colegas.

“Fiquei constrangido. Foi triste ver aqueles homens tão dignos e esforçados passarem por aquela situação”. Depois de implantar um curso de alfabetização no barracão de obras da construtora, Libério entusiasmou-se com o ofício de professor. Buscava em obras de Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire e Moacir Gadotti ferramentas teóricas que o auxiliassem na empreita.

Enviou seu currículo para três escolas que possuíam curso técnico, em nível de 2º grau, na área de construção civil. Duas o selecionaram. Demitiu-se da construtora e foi dar aulas na Universidade para o Trabalho de Minas Gerais (Ultramig), e no Instituto Técnico Orville Carneiro (Itoc). Prestou vestibular para pedagogo

na Universidade Católica de Minas Gerais – (UCMG), e foi aprovado. Começou a trabalhar na Escola Técnica do Barreiro e na Escola Técnica Federal de Minas Gerais. Pouco depois, começou a fazer um curso de licenciatura plena em construção civil no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet), onde atua como docente há 29 anos em disciplinas ligadas à tecnologia da construção civil e canteiros de obras.

Militante sindical, Libério chegou a ter uma construtora e uma confecção. Mora hoje numa cobertura no bairro de Santa Inês, de “onde avisto Belo Horizonte inteira”, depois de alojar-se em muitos lugares, entre os quais um prédio cujo “quintal” eram os escombros da Gameleira. Ao abrir a janela de seu quarto via aquele esqueleto, um fantasma a rondar-lhe. “Isso ficou na minha cabeça”.

‘Foi um *distorço* na minha vida’

Outras lembranças também ficaram impregnadas. Borba fez mais que constatar a insensibilidade e a culpa do Estado ao entrevistar 27 personagens direta ou indiretamente envolvidos com a tragédia – entre órfãos, viúvas, sobreviventes, bombei-

ros, jornalistas, advogados e moradores do entorno do local da tragédia.

O pesquisador sentiu o quanto a tragédia marcou a vida de seus entrevistados. “Descobri, sobretudo, que os parentes não esmoreceram, mesmo que a Gameleira tenha caído sobre eles. As viúvas, por exemplo, fizeram de tudo para conter a desagregação familiar. Seguraram por décadas essa dor, que atravessou muitas vezes o seio da casa. O mais interessante é que muitos confiaram a mim essa memória subterrânea”.

Deparou com situações que o levaram a uma identificação imediata. Entrou num mundo em que pouca coisa diferia daquele de sua infância. “Seu Libério, Gameleira foi um *distorço* na minha vida”, disse a dona de casa Maria Leal da Silva, viúva de João Alves, operário cujo corpo foi o último a ser encontrado, 31 dias depois do acidente.

“Quer coisa mais Guimarães Rosa que a palavra *distorço*? Ela me disse isso com um choro contido, miudinho. Teve a dignidade de não passar as mãos nos olhos. Era aquela aguinha correndo...”, relatou Libério.

Outra fala de Maria levou Libério ao terreiro de sua casa no sertão, onde a mãe fazia de tudo. Disse a viúva que o corpo do marido – e outros corpos resgatados – parecia



Libério: “O alerta dos operários e o latido de um cachorro eram a mesma coisa”

uma borra de sabão.

A imagem já diz tudo, mas Libério foi buscar em São Gonçalo do Abaeté as projeções inevitáveis. “Para fazermos o sabão, coávamos aqueles detritos. A borra era o que ficava retido na peneira”.

Se para Libério foi difícil chegar aos parentes das vítimas da tragédia, foi mais penoso ainda sair do convívio depois do primeiro contato. Os vínculos afetivos permaneceram. “Ô Libério, se até as pedras se encontram, quem dirá as criaturas?”, disse Maria ao autor da tese durante um almoço.

Os relatos vão se sucedendo. Ao chegar com fotos para mostrar à dona de casa Elza Soares de Souza, viúva do operário Manoel Firmo de Souza, ouviu: “Não preciso de nada para lembrar da Gameleira. O senhor sabe o que é chegar a sentir o cheiro dessa pessoa [o marido], trinta e tantos anos depois?”.

Outro entrevistado, Adilson Soares de Souza, filho de Elza e morador de um barracão nos fundos da casa da mãe, chorou muito em seu depoimento. Depois, mais calmo, apresentou Libério à família e foi mostrando a ele as tralhas da casa.

Depois de falar das plantas do jardim, pegou uma lata de tinta, arrancou uma muda, juntou terra e esterco com as mãos e plantou-a. Uma lembrança para Libério.

“Foi um presente maravilhoso. No dia que vim para cá [na defesa de tese], ela estava superflorida. Faço questão de exibi-la com lata e tudo. Há embutida nessa história essa coisa nossa do sertão, de não jogar nada fora. A lata que ia poluir virou um vaso”.

Por meio dos depoimentos, Libério constatou o já sabido à época do acidente. “Os operários falavam que o ‘trem’ ia cair. Viam as trincas, as rachaduras, avisaram seus superiores que o material não prestava, mas nada foi feito. Alertaram também que os procedimentos para a retirada das escoras da laje eram equivocados. O alerta deles e o latido de um cachorro eram a mesma coisa”.

Os chamados “atores sociais” ouvidos por Libério deram a noção da tunga do Estado que, por meio de sucessivas manobras jurídicas, passados mais de 36 anos da tragédia, mantém sem indenização e ao deus-dará a grande maioria dos parentes das vítimas.

O processo foi desmembrado em duas partes, diz o pesquisador. Na primeira delas, alguns receberam. Na segunda fração, o Gameleira 2, ninguém recebeu nada. “Nesses anos, o Estado acenou às famílias dizendo que o valor ia ser pago administrativamente, ou seja, enrolou todo mundo”. Os dois processos somam 30 mil páginas.

O tapete vermelho e o sangue do pai

Ao disparar o gravador para colher depoimentos, o autor da pesquisa teve acesso aos detalhes dos trabalhos de resgate. A tragédia mobilizou Belo Horizonte. A solidariedade driblava a falta de informações e o silêncio imposto pelo Estado, que decidiu interromper as buscas por corpos no 28º dia subsequente ao acidente.

Indignados, familiares exigiram a retomada dos trabalhos. Foram ao então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. Recuo feito, mais dois corpos

foram encontrados sob os escombros. Outro tanto, suspeita-se, não foi reclamado.

“Muitos mutilados desapareceram da cidade. A maioria dos sobreviventes enlouqueceu. Entrevistei um órfão, por exemplo, que não consegue ouvir o som de helicóptero e só dorme à base de calmantes”, relata o pesquisador.

Os militares jogaram duro. Na opinião de Libério, a obra era mais uma das vitrines da ditadura. Uma vez desmoronado o sonho da construção do Pavilhão de Exposições da Gameleira, “o maior da América Latina”, a ordem da caserna era jogar tudo para baixo do tapete.

Uma missa de sétimo dia, que seria celebrada pelo então bispo auxiliar de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo, foi proibida. Por iniciativa de Libério, a cerimônia foi realizada no início deste ano, 36 anos depois. Dom Serafim, hoje cardeal e arcebispo emérito de Belo Horizonte, enviou uma carta cobrando indenização para os parentes das vítimas.

A tese mostra também o papel desempenhado pela imprensa, que, a despeito de todas as restrições, apontava as contradições da versão oficial. O jogo de empurra começou logo após o acidente.

A obra, tocada pela construtora Sergen Engenharia, era de responsabilidade do Estado de Minas Gerais, à época governado por Israel Pinheiro, que esteve no local um dia antes do acidente. As fundações ficaram a cargo da Sobrafe. O pavilhão ia ser inaugurado no dia 31 de março, nas comemorações do sétimo aniversário do golpe militar.

Pinheiro tinha pressa, segundo o testemunho de sobreviventes e de jornalistas: queria entregar o pavilhão antes de encerrado o seu mandato, a 15 de março. Os operários trabalhavam num ritmo frenético.

O projeto era de Oscar Niemeyer; o cálculo estrutural, de Joaquim Cardozo.

“Estamos falando de dois princípios universais da arquitetura e da engenharia. O prédio era uma beleza, fluíuava no ar. Eram 280 metros lineares sustentados apenas por cinco pilares em forma de pirâmides. Na retirada do escoramento da última laje, a estrutura desabou sobre os trabalhadores”.

A onda de especulações e boatos (plantados ou não) e a divulgação de laudos (fajutos ou não) que se seguiram ao acidente deixaram marcas não só nas vítimas. Joaquim Cardozo, por exemplo, que chegou a ser injustamente acusado de ser o responsável pela tragédia, entrou em depressão e nunca mais se recuperou.

Muita água rolou até que fosse divulgado, passados dez anos do desmoronamento, o laudo definitivo sobre as causas da tragédia. O documento, de 40 páginas, concluiu que o concreto usado pela construtora era 48% menos resistente do que deveria ser, além de a empresa ter adotado técnicas inadequadas para retirar o escoramento da laje.

Fala o docente, ex-pedreiro, ex-mestre de obras, ex-gerente de produção. “Incluo o Estado também na lista de culpados por não ter fiscalizado a obra, embora um órgão tenha sido criado apenas para este fim”, diagnostica Borba.

Libério, que integra um movimento pela construção de um memorial, não perdoa o fato de hoje o local hoje abrigar o estacionamento da Expominas, segundo ele, um “arremedo” do que seria o pavilhão. “O lugar da memória virou um não-lugar, no qual você transita sem saber por onde está passando”.

No ano passado, no exato momento em que ocorria no local uma convenção, com passarela estendida na entrada do saguão, Libério entrevistava um homem que tinha três anos quando o pai morreu soterrado.

O relato do órfão, que se lembrava apenas de um dia ter sentado no colo do pai, impressionou o pesquisador por sua carga dramática. O homem disse a Borba que o tapete vermelho estendido no saguão da Expominas representava o sangue de seu pai.

Libério conhece o peso simbólico da marmita para o operário. E do chapéu para o sertanejo.